

A literatura infantil: história, teoria, análise (1981), de Nelly Novaes Coelho: um discurso de fronteira Fernando Rodrigues de Oliveira

Como citar: OLIVEIRA, F. R. A literatura infantil: história, teoria, análise (1981), de Nelly Novaes Coelho: um discurso de fronteira. *In:* MORTATTI, M. R. L.; BERTOLETTI, E. N. M.; OLIVEIRA, F. R. (org.). **Clássicos brasileiros sobre literatura infantil (1943-1986)**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 207-240. DOI:

<https://doi.org/10.36311/2020.978-65-5954-021-1.p207-240>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

6.

A literatura infantil: história, teoria, análise (1981), de Nelly Novaes Coelho: um discurso de fronteira

Fernando Rodrigues de Oliveira

Sem dúvidas, se há um nome que figura dentre as mais importantes e recorrentes referências para o estudo e a pesquisa sobre literatura infantil, no Brasil, é o de Nelly Novaes Coelho. Incansável na defesa e na promoção da área, desde meados dos anos 1970 ela atuou nas principais iniciativas relacionadas à literatura infantil no país, de modo que suas publicações sobre o assunto se tornaram citações fundamentais para estudiosos e pesquisadores interessados na produção literária destinada às crianças e aos jovens.

Nascida no Largo da Concórdia, centro de São Paulo, no dia 17 de maio de 1922, ela formou-se professora pelo curso de Letras Neolatinas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), em 1959.

Apesar do sonho de ser pianista, logo após graduar-se, iniciou sua carreira como professora universitária, primeiro como colaboradora do professor Luiz Amador Sanchez, titular do Departamento de Literatura Espanhola e Hispano-Americana da FFLCH-USP e, depois, como professora-assistente de Antônio Soares Amora, então professor de literatura portuguesa na FFLCH-USP.

Concomitantemente à atuação na USP, em 1961, assumiu cargo como professora junto à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília-SP (FAFI), onde atuou até 1972, quando optou por permanecer apenas como professora da FFLCH-USP. Com relação ao período em que lecionou na FAFI-Marília, ocupou a cadeira de Teoria Literária e Didática Especial da Língua Portuguesa, tendo coordenado o projeto que deu origem à criação do Departamento de Didática dessa Faculdade (CASTRO, 2005).

Como professora recém iniciada na carreira universitária, iniciou, em 1964, o seu doutoramento na FFLCH-USP, sob a orientação de Antonio Soares Amora, tendo realizado estágio de três meses em Portugal, com bolsa da Fundação “Calouste Gulbenkian”. Três anos depois, em 1967, concluiu a titulação com a defesa da tese *Jardim das tormentas: gênese da ficção de Aquilino Ribeiro*.

Já na década de 1970, realizou pesquisa de pós-doutorado junto à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, novamente com bolsa da Fundação “Calouste Gulbenkian”, e defendeu, em 1977, tese de livre-docência intitulada *A dimensão mítica da ficção de Branquinho da Fonseca*, na FFLCH-USP.

Embora a formação e atuação de Nelly Novaes Coelho tenha se voltado aos estudos de crítica, teoria e análise comparada das literaturas portuguesa e brasileira, na década de 1970 ela passou a se interessar pela literatura infantil, sobretudo em decorrência de sua proximidade com escritores e estudiosos do tema, entre os quais, as idealizadoras do Celiju – Centro de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil.

Esse Centro, fundado por Odette de Barros Mott e por Idaty Brandão Onaga em 17 de janeiro de 1973, tinha como propósito “entrosar” pessoas ligadas à literatura infantil e promover o estudo e desenvolvimento desse gênero literário (OLIVEIRA, 2015). Para isso, promovia cursos, reuniões, palestras, exposições, seminários e publicações de catálogos para orientação de pais e professores, configurando importante papel na produção e disseminação de saberes sobre esse gênero literário (OLIVEIRA, 2015). No âmbito do Celiju, Nelly Novaes Coelho, como sócia desde a sua criação, esteve envolvida com a realização de cursos e palestras, bem como foi presidenta da diretoria em 1975 (OLIVEIRA, 2015).

Desse interesse e aproximação com a literatura infantil, no ano de 1980, em consonância com uma das metas do Celiju⁸⁹, criou, de modo pioneiro, a cadeira “Literatura infantil e juvenil” no curso de graduação em Letras da FFLCH-USP. Segundo a própria Nelly Novaes Coelho, a criação dessa cadeira se deu a partir de sua descoberta do valor da literatura brasileira e portuguesa contemporânea e por não haver, à época, destaque especial para a literatura infantil na formação dos professores (COELHO, 2012). Também na década de 1980, ela passou a orientar trabalhos de pós-graduação *stricto-senso* na área de Letras, totalizando 16 dissertações de mestrado e 18 teses de doutorado, muitas das quais sobre literatura infantil e/ou juvenil.

Concomitantemente ao trabalho como professora e pesquisadora, Nelly Novaes Coelho teve publicada uma extensa

⁸⁹ Conforme consta no *Guia de leitura para pais e professores*, de 1981, do Celiju, uma das “batalhas” desse centro era a “[...] criação da Cadeira Literatura Infantil nos cursos de Letras, Comunicação e Expressão, Biblioteconomia e Pedagogia das Universidades Brasileiras [...]” (CELIJU, 1981, p. 4).

obra, com mais de duzentos títulos, composta por livros, capítulos de livros, artigos em periódicos e artigos, resenhas e ensaios em jornais.

Embora tenha se aposentado compulsoriamente pela USP em 1992, continuou atuando intensamente com orientações, realização de cursos, palestras e publicações. Dentre as suas últimas publicações, destacam-se: *Escritores brasileiros do século XX*: um testamento crítico, publicado pela Letra Selvagem, em 2013, que compreende um de seus grandes projetos com estudo biográfico de 80 escritores e a análise crítica de seus respectivos romances; e *Tecendo literatura entre versos e olhares*, seu último livro, publicado pela Humanitas, em 2015, que compreende uma homenagem à Maria Lúcia Pimentel de Sampaio Góes, ex-orientada e colega nos estudos sobre literatura infantil na USP.

Aos 95 anos, em 29 de novembro de 2017, Nelly Novaes Coelho faleceu, deixando “[...] um legado único no campo da Literatura e, em especial, no campo de estudos e pesquisas dos livros para crianças e jovens” (FUNDAÇÃO, 2018, p. 8).

Uma obra síntese, *A literatura infantil*: história, teoria, análise

Embora se verifique que o interesse de Nelly Novaes Coelho sobre literatura infantil tenha se dado mais detidamente a partir da década de 1970, anteriormente a isso, na década de 1960, no livro *O ensino da literatura*, ela aborda alguns aspectos desse gênero literário em sua relação com o ensino e a formação de professores (OLIVEIRA, 2015; OLIVEIRA, 2014b).

Publicado pela editora F.T.D., em 1966, *O ensino da literatura* destinava-se aos estudantes do ensino secundário e do Curso Normal, como um manual pedagógico. Nele, Nelly Novaes Coelho afirma ter chamado a sua atenção a presença da literatura infantil nos programas dos Cursos Normais, em especial, os pontos relativos ao folclore e aos objetivos didáticos e lúdicos desse gênero literário. Isso a levou a tratar dessa discussão em *O ensino da literatura* (1966), propondo reflexão sobre a formação de professores normalistas para uso desse gênero literário.

Após a publicação de *O ensino da literatura*, Nelly Novaes Coelho aproximou-se cada vez dos estudos sobre a literatura destinada às crianças, “[...] dispondo-se a refletir [sobre esses livros], a pesquisá-los e a discuti-los com professores, escritores, orientadores educacionais, bibliotecários, pais, etc.” (COELHO, 1981, p. XV). Dessa aproximação e da “[...] antiga preocupação com a Didática da Literatura, nos diversos níveis de estudo [...]” (COELHO, 1981, p. XV), resultou a publicação de seu principal livro sobre o gênero: *A literatura infantil: história, teoria, análise (das origens orientais ao Brasil de hoje)*.

Figura 1

A literatura infantil: história, teoria, análise
(das origens orientais ao Brasil de hoje) (1981)



Fonte: Acervo do autor

Dedicado a todas as crianças, “aprendizes e continuadoras da vida”, em especial “Elisa, Tatiana, Márcio Fº, Daniela”, *A literatura infantil: história, teoria, análise* (das origens orientais ao Brasil de hoje) foi lançado, em 1981, pela Edições Quíron, em convênio com o Instituto Nacional do Livro (INL), do Ministério da Educação e Cultura.

A Edições Quíron, fundada em São Paulo em 1973, compunha, à época, o cenário das editoras voltadas ao ramo da literatura, o que viabilizou o trabalho de coedição com o INL em

função de um programa do MEC para divulgação de autores e obras nacionais. No âmbito da Edições Quíron e do convênio com o INL, a publicação de *A literatura infantil: história, teoria, análise* (das origens orientais ao Brasil de hoje) se deu como 14º volume da coleção “Logos”, que tinha a direção de Nelly Novaes Coelho e cujo enfoque era na divulgação de textos de teoria, crítica e história da literatura.

A literatura infantil: história, teoria, análise (das origens orientais ao Brasil de hoje), conforme sugere o subtítulo, compreende o resultado de audaciosa proposta de Nelly Novaes Coelho de produzir:

[...] um possível *roteiro* de temas-para-reflexão-e-estudo, que visam basicamente servir de estímulo a uma preparação mais consciente do professor ou do crítico e à produção literária de novos escritores que se sintam atraídos por essa difícil, mas importante área, que é a literatura destinada às crianças ou aos jovens (COELHO, 1981, p. XVI).

Em vista disso, a 1ª edição de *A literatura infantil: história, teoria, análise* (das origens orientais ao Brasil de hoje) está organizada com uma explicação inicial sobre a proposta do livro, um esclarecimento de natureza terminológica e três partes, que totalizam 418 páginas. A primeira parte, intitulada “Literatura infantil: problemas de conceituação”, contém sete capítulos e um apêndice. A segunda parte, intitulada “Matéria e forma da literatura infantil”, contém dois capítulos e um apêndice. A terceira parte, intitulada “Panorama histórico: das origens à atualidade”, contém nove capítulos, cada um seguido de um apêndice.

No início de cada parte e no interior de alguns capítulos, constam nove ilustrações, retiradas de livros literários e teóricos portugueses e brasileiros. Os apêndices da primeira e terceira parte contêm notas explicativas sobre questões desenvolvidas no conteúdo dos capítulos. O apêndice da segunda parte apresenta um conjunto de análise de textos literários, além da sistematização sobre três temas “caros” à literatura infantil (a poesia, o álbum de figuras e as histórias em quadrinhos). Ao final da terceira parte, há a relação de livros citados/utilizados, totalizando 70 títulos de obras literárias e 137 títulos de textos teóricos que versam, especialmente, sobre teoria Literária, Literatura infantil, Psicologia, Filosofia e Educação.

No ano seguinte ao da publicação da 1ª edição, em 1982, foi lançada a 2ª edição, idêntica à anterior. Dois anos após, em 1984 foi publicada a 3ª edição, essa reformulada e ampliada. A partir dessa edição, a terceira parte, destinada ao panorama histórico da literatura infantil foi desmembrado em um novo livro intitulado *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens Indoeuropéias ao Brasil contemporâneo*, publicado em 1985, pela Quíron.

Figura 2

Panorama histórico da literatura infantil/juvenil:
das origens Indoeuropéias ao Brasil contemporâneo) (1985)



Fonte: acervo do autor

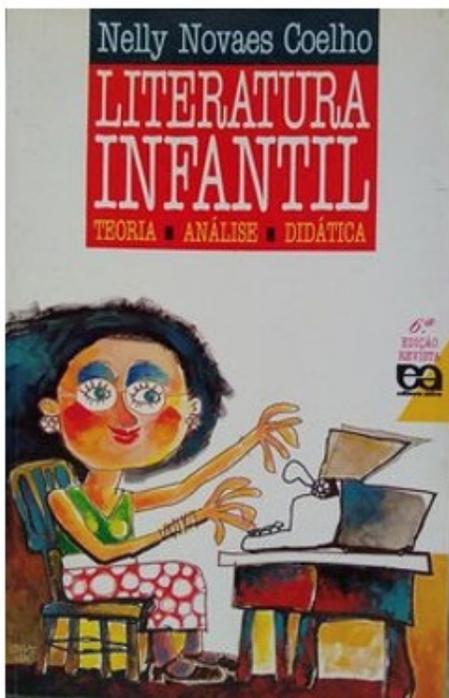
Com isso, a 3ª edição reformulada e ampliada de *A literatura infantil: história, teoria, análise* (1984) passou a ser publicada sem a complementação do subtítulo, embora o termo “história” permanecesse nele. Na 3ª edição, devido à reformulação que o livro sofreu, sua organização passou a ter apenas duas partes, totalizando 199 páginas.

Conforme as informações que pude localizar, em 1987, Edições Quíron lançou 4ª edição desse livro, sem alterações em relação à edição anterior.

Em 1991, depois de uma década de circulação desse livro, a Ática assumiu a publicação da 5ª edição, com uma alteração em seu subtítulo: *A literatura infantil: teoria, análise, didática*.

Figura 3

A literatura infantil teoria, análise, didática (1991)



Fonte: Acervo do autor

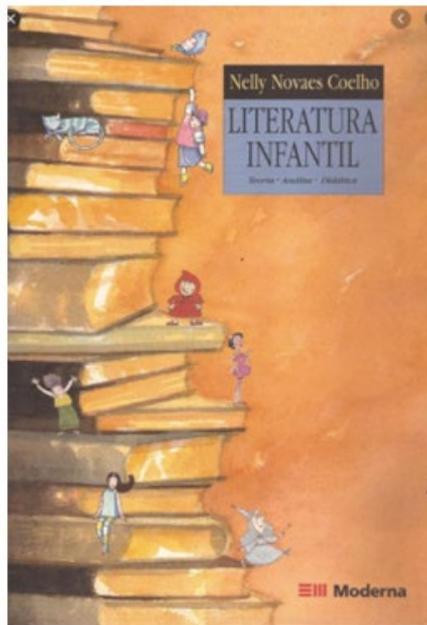
Além da mudança no subtítulo, a edição publicada pela Ática foi revista e ampliada, resultando na reorganização dos conteúdos de cada parte. Com isso, a primeira parte manteve-se com a denominação “Literatura infantil (problemas de conceituação)”, porém, comportando apenas dois capítulos. A segunda parte passou

a ser intitulada “Uma gramática da literatura infantil”, com apenas um capítulo. Apesar de a edição de 1991 ter um número de capítulos menor que as edições anteriores, não houve supressão de conteúdo. Pelo contrário, verifica-se a ampliação de algumas discussões, incorporadas como subtópicos dos capítulos, especialmente de modo a atender o “avanço” da produção literária.

Ainda pela Ática, em 1993, foi publicada a 6ª edição e, em 1997, uma reimpressão dessa última. No ano de 2000, a Ática deixou de editar esse livro, de modo que a 7ª edição foi publicada pela Moderna.

Figura 4

A literatura infantil teoria, análise, didática (2000)



Fonte: acervo do autor

Com projeto editorial e gráfico renovado, assinado por Moema Cavalcanti, a 7ª edição, pela Moderna, também passou por atualização e revisão de conteúdo, resultando na incorporação de novos capítulos. Dessa maneira, *A literatura infantil: teoria, análise, didática* (2000) passou a ter novamente três partes: a primeira com nova denominação – “A literatura infantil e seus caminhos”; a segunda, com a mesma denominação das edições pela Ática; e a terceira, nova, intitulada “Literatura infantil: o visual e o poético”.

Desde que passou a ser publicado pela Moderna, *A literatura infantil* teoria, análise, didática (2000) tem sido reimpresso recorrentemente, o que atesta o lugar de destaque que esse livro ocupa desde a sua 1ª edição.

Entre “vocação pedagógica” e o “prazer”: conceituação da literatura infantil

Apesar das recorrentes atualizações e revisões de *A literatura infantil: história, teoria, análise*⁹⁰, as concepções e proposições em relação a esse gênero apresentadas por Nelly Novaes Coelho na 1ª edição não sofreram nenhuma alteração ao longo da trajetória editorial do livro. O que se observa é um movimento de reorganização do conteúdo e o gradativo acréscimo de temas e questões que se foram impondo ao debate em relação aos livros para crianças, como, por exemplo, reflexões sobre a ilustração e os livros mais contemporâneos.

⁹⁰ Daqui em diante, sempre que me referir ao livro aqui em análise, o farei de modo a utilizar a seguinte o título e subtítulo tal como consta na 1ª edição, sem a indicação do complemento do subtítulo: “(das origens orientais ao Brasil de hoje)”. Essa opção se deve ao fato de que essa é a forma que recorrentemente esse livro é lembrado, ainda que a partir de sua 5ª edição o subtítulo tenha sido alterado.

Portanto, em *A literatura infantil: história, teoria, análise*, Nelly Novaes Coelho defende que os livros literários destinados às crianças são, antes de tudo, Literatura, o que compreende “fenômeno da criatividade humana”, marcado pelo uso de linguagem específica que determina a “experiência” (COELHO, 1981, p. 17).

Apesar dessa defesa ao enquadramento da literatura infantil como parte indistinta do “gênero matriz”, a literatura adulta, ela explica que os livros destinados às crianças não podem ser entendidos plenamente sem a compreensão de algumas particularidades que ultrapassam a ideia imediata de “[...] belos livros, coloridos e a alegria de crianças a folheá-los [...]” (COELHO, 1981, p. 17). Segundo a autora, a natureza específica da literatura infantil abarca elementos relacionados à sua origem, destinação e sua finalidade, o que demanda uma definição particular e de difícil delimitação.

Em vista disso, com base em apontamentos do sociólogo Marc Soriano e do semiólogo Roman Jakobson, Nelly Novaes Coelho, apesar das dificuldades e limites em se definir a literatura infantil, explica compreender esse gênero literário como “comunicação” que demanda uma “mensagem” entre o “autor-adulto” e o “leitor-criança”, que se transforma em “ato de aprendizagem” durante a leitura. Complementa, citando trecho de um verbete de Marc Soriano:

[...] [a literatura infantil] pode não querer *ensinar*, mas se dirige, apesar de tudo, a uma idade que é a da aprendizagem e mais especialmente da aprendizagem linguística. O livro em questão,

por mais simplificado e “gratuito” que seja, aparece sempre ao jovem leitor como uma mensagem *codificada de que ele deve decodificar* se quiser atingir o prazer (afetivo, estético o outro) [...] Se a infância é um período de aprendizagem, toda mensagem que se destina a ela, ao longo desse período, tem necessariamente uma *vocação pedagógica* (SORIANO *apud* COELHO, 1981, p. 18, grifos da autora).

Mediante essa definição, Nelly Novaes Coelho explica que desde os últimos anos da década de 1970 vinha se disseminando uma nova “óptica” sobre a crítica e a didática da literatura infantil, como “reação” contra a “tradição”, o “didatismo excessivo” e a “exemplaridade”, em salvaguarda do “ludismo” e do “entretenimento”. Por entender que esse posicionamento se configurava como “radicalização” e defesa “intransigente” da qualidade “pura” da “diversão”, ela assevera que:

[...] o caráter lúdico, emotivo ou afetivo da literatura (principalmente da que é destinada ao público mirim) é qualidade *sine qua non* para a sua existência plena e positiva. Entretanto, *não é só o prazer que conta*. Simultaneamente à “diversão” da leitura, a criança precisa começar a descobrir (sem saber que o está descobrindo...) que Literatura é algo mais do que um simples passatempo (COELHO, 1981, p. XVII).

Em face dessa visão, Nelly Novaes Coelho compreende a literatura infantil como objeto que prova emoções, dá prazer e diverte, modifica a consciência do indivíduo que a lê e ensina modos de ver o mundo de viver, de pensar, de reagir e de criar. Daí seu posicionamento de que esse gênero literário pertence simultaneamente às áreas da Arte e da Pedagogia e, como tal, o seu propósito

é “instilar” no espírito infantil a descoberta da “palavra literária” como algo essencial à vida.

Daí a importância da literatura infantil [...] cumprindo sua tarefa de alegrar, divertir, emocionar o espírito de seus pequenos leitores ou ouvintes, leva-os de maneira lúdica, fácil, a perceberem e a interrogarem a si mesmos e ao mundo que os rodeia, orientando seus interesses, suas aspirações, sua necessidade de auto-afirmação ou de segurança, ou lhes propor objetivos, ideias ou formas possíveis (ou desejáveis) de participação social. Portanto, é ainda o *livro*, à *palavra escrita*, que atribuímos a maior responsabilidade na formação da consciência-de-mundo das crianças e jovens (COELHO, 1981, p. 4, grifos da autora).

Ainda no que concerne ao debate sobre conceituação da literatura infantil, Nelly Novaes Coelho, pautada em textos da Psicologia Experimental e no trabalho de Jesualdo Sosa⁹¹ contido no livro *A literatura infantil* (1978), problematiza a necessidade de os textos literários terem de “obedecer” às etapas do desenvolvimento infantil, para não se “[...] fraudarem [...] as relações essenciais que existem, naturalmente, entre a criança e o mundo que a cerca [...]” (COELHO, 1981, p. 11). Segundo ela, é desse entendimento que advém a classificação dos livros por faixas etárias por parte das editoras.

A fim de explicar como os diferentes tipos de livros se adequam a cada etapa do desenvolvimento infantil, Nelly Novaes Coelho explica o seguinte que, na “primeira infância” (dos 15 meses

⁹¹ Para informações mais detalhadas sobre Jesualdo Sosa e seu livro *A literatura infantil*, ver Oliveira (2014a).

aos 3 anos), após a fase da “maturação”, a criança caracteriza-se pelo “movimento” (pelo uso do tato para compreensão da realidade), por isso a literatura indicada é a que se identifica com o “jogo” e que estimule a percepção visual e motriz. Na “segunda infância” (dos 3 aos 6 anos), fase da fantasia e imaginação, os livros mais adequados são os que representam o mundo familiar, o “maravilhoso”, os “seres extraordinários” e os valores desejáveis, com amor, lealdade e beleza. Na “terceira infância (dos 7 aos 11 anos), fase do pensamento racional e da socialização, a literatura mais adequada é que funde imaginação e realidade, com especial atenção para a aventura, para o mistério, para as histórias policiais e para o humor. Na “pré-adolescência” (dos 11 aos 16 anos), fase do pensamento reflexivo e do idealismo, a literatura mais adequada é a que realça ações de heróis, os romances sentimentais, as biografias romanceadas e os mitos e lendas que expliquem a gênese do mundo. Por fim, na “adolescência” (a partir dos 17 anos), fase da ânsia de viver, da aventura e da revolta, a literatura mais adequada é a que envolve “situações humanas”, que misturam paixões e aventuras, que envolvem a sátira e que tratam do sexo.

Entre “gêneros” e “formas”: a matéria literária infantil

A partir dessa compreensão de literatura infantil, Nelly Novaes Coelho aborda em seu livro aspectos relativos à “matéria” que constitui esse gênero literário.

Por “matéria literária”, essa professora entende o:

[...] corpo verbal que constitui uma obra de literatura. Em se tratando de *ficção* (=prosa narrativa) a matéria literária é composta por uma *estória* (=argumento, assunto, fábula, etc.) vivida por *personagens* (=protagonistas e/ou antagonistas; principais e/ou secundários...) situados em determinado *espaço* (=ambiente, cenário, local...), onde se desenvolve a *ação* e durante o *tempo* em que esta dura. Tais elementos reais (=objeto da criação) são caracterizados pela *linguagem literária* que transfigura em corpo verbal ou *matéria literária*, através de um *processo de composição* específico. Portanto, o “rótulo”, *matéria literária*, abarca o complexo corpo verbal-literário que é a obra (COELHO, 1981, p. 49, grifos da autora).

Como os elementos estruturantes da narrativa (a ação, as personagens, o espaço, o tempo, a linguagem e as técnicas narrativas) são os responsáveis por compor a “matéria literária”, Nelly Novaes Coelho os apresenta de forma detalhada, a fim de se entender de modo aprofundado as “manifestações específicas” da literatura infantil.

Conforme ela explica, o elemento básico estruturante de uma narrativa é a ação, definida como conjunto de fatos ou situações que dão corpo à história ou ao enredo. Nessa perspectiva, a ação é estruturada sempre em torno de uma ideia, um valor ou um motivo, que dá organicidade e produz interesse pelo universo criado.

Por ser a ação o elemento determinante da estrutura formal da narrativa, Nelly Novaes Coelho defende que no caso da literatura infantil a melhor forma de “concatenação” dos fatos que constituem a ação é a sequência lógica. Ela explica que: “A confusão ou prolixidade na trama dos fios narrativos (que atrai sobremaneira o

espírito adulto) é inadequada à mente infantil, cuja capacidade de concentração ou atenção é ainda precária” (COELHO, 1981, p. 57).

Se a ação é o elemento básico da narrativa, não é possível que ela ocorra sem a existência de personagens que a executem. Por isso, ação e personagem são elementos interdependentes, de tal modo que esse último corresponde a uma espécie de “amplificação” ou “síntese” de todas as possibilidades de existência do homem. A definição das personagens depende da intencionalidade da narrativa e do tipo de ação que desempenham, em todo caso, elas podem ser categorizadas em três grandes dimensões: “tipo”, “caráter” ou “individualidade”.

Por personagens “tipos” ou “de costumes”, entende-se aquelas que se estruturam apenas em torno de uma ideia e uma função social. Tratam-se de personagens que não se alteram ao longo da narrativa, sem profundidade psicológica e se revelam mediante comportamento estereotipado. No caso da literatura infantil, tem-se como personagens “tipos”: reis, rainhas, príncipes, princesas, fadas, bruxas, cavaleiros e pajens.

Em oposição às personagens “tipo”, as “caráter” são as que se identificam com estrutura psicológica dinâmica, com pensamentos, impulsos ou ações representadas por “padrões morais”. Tratam-se de personagens cujas ações revelam sempre estrutura “ética” exemplar. Na literatura infantil essas personagens podem ser exemplificadas com Robinson Crusóé, Gulliver, Alice e Pinóquio.

As personagens “individualidade” compreendem uma invenção do século XX, decorrente do aprofundamento das

descobertas psicanalíticas. São caracterizadas pelas complexidades, impulsos e ambiguidades do mundo. Por isso são dinâmicas, em evolução, com foco no comportamento psicológico, o que impede de serem rotuladas como boas ou más, generosas ou egoístas, nobres ou vis. Segundo Nelly Novaes Coelho, as personagens “individualidade”, por não oferecerem uma “facilidade de compreensão”, são pouco adequadas à “mente” infantil, pois exigem maturidade e capacidade de reflexão. Apesar disso, ela reconhece a existência de alguns casos “bem-sucedidos”, como ocorre no livro *A fada que tinha ideias*, de Fernanda Lopes de Almeida.

Outro elemento importante na estruturação da narrativa é o espaço. É nele que as ações das personagens se concretizam, criando circunstâncias “locais” e “espaciais” que dão realidade e verossimilhança ao que se narra. Do ponto de vista da “espécie”, o espaço pode ser definido como “natural” (não modificado pelo trabalho do homem), “social” (modificado pelo homem) ou “trans-real” (criados pela imaginação). E, do ponto de vista da “função”, pode ser classificado como “estético” (cenários não projetados no drama) e como “pragmático” (instrumento para desenvolvimento da ação narrativa).

Por ser a narrativa a “arte que se desenvolve no tempo”, a dimensão temporal constitui elemento decisivo na estruturação do texto. Nelly Novaes Coelho explica que, ao se organizar uma sequência de fatos ou situações, o tempo pode configurar duas dimensões, “exterior”, que corresponde ao tempo “natural”, cronológico, ou “interior”, vivido pelo “eu” das personagens.

Com relação à linguagem, elemento “*sine qua non*” da matéria literária, Nelly Novaes Coelho a define em duas categorias,

a “realista” e a “metafórica”, e argumenta que não existe uma linguagem ideal, pois tudo depende do universo que o autor tenciona criar. Já sobre as técnicas narrativas, último elemento estruturador da matéria literária, ela elenca cinco possibilidades: descrição, narração, diálogo, monólogo e comentário. Com isso, ela explica que a opção por uma dessas técnicas decorre da escolha do foco narrativo e da proposição básica da ação que se constrói, tendo em vista o objetivo que se quer alcançar com o livro literário.

Mediante essas definições, Nelly Novaes Coelho adentra à discussão sobre o “problema” dos gêneros, entendido esse termo como “[...] família a que determinada obra pertence (à da poesia, do teatro e da ficção) [...]” (COELHO, 1981, p. 73). Para ela, a “natureza básica” da literatura infantil encontra-se no gênero “ficção”, entendido como toda narrativa escrita em prosa literária. No âmbito das principais “formas” de manifestação do gênero “ficção”, encontram-se o conto, a novela e o romance. Como “subgêneros” da “ficção”: a fábula, o apólogo, a parábola, a alegoria, o mito e a lenda.

Nelly Novaes Coelho explica que dentre essas “formas” e “subgêneros” da “ficção”, o conto, pela estrutura simples e por se organizar em torno de um único motivo, é a principal manifestação literária que se “converteu” em literatura infantil, em especial, os contos maravilhosos e os contos de fadas.

Além do destaque para o conto, ainda em se tratando dos gêneros literários ou de suas formas, Nelly Novaes Coelho discute algumas das características de outros três tipos de textos: álbuns de figuras ou livro de estampas, histórias em quadrinhos e poesia infantil. Sobre os álbuns de figuras ou livros de estampas, ela explica

que, embora não sejam literatura infantil propriamente dita, pertencem ao “domínio” literário com a função primordial de ensinar. Embora “progressivamente” o elemento literário tenha passado a figurar nesse tipo de livro, eles compreendem “[...] um veículo de educação ativa, capaz de tocar diretamente a imaginas e a inteligência das crianças, de maneira muito mais eficaz do que qualquer dos meios usados. E mas, estimular também a atividade motriz de seus corpos e mãos” (COELHO, 1981, p. 112).

As histórias em quadrinhos, “fenômeno” do século XX, são entendidas por Nelly Novaes Coelho como objeto controverso, pois transformaram a “mensagem escrita” em “mensagem visual/imagética”, mediante deslocamento da criação literária em “produto-de-arte industrial”. Apesar das muitas polêmicas envolvidas com esse tipo de “ficção”, ela adverte sobre a necessidade de estudos mais aprofundados sobre o tema, em especial, o interesse que gera em “legião” de leitores.

Por fim, Nelly Novaes Coelho apresenta alguns aspectos relacionados à poesia infantil, subentendida como um tipo do “gênero” lírico. Sob a advertência da complexidade que esse “tipo” lírico representa, essa professora entende que o lugar do texto em verso na formação da criança reside no intento de essa linguagem configurar-se como instrumento didático, de onde se pode extrair as “virtualidades”, sem deixar a ludicidade, o trabalho com a sonoridade, o ritmo, de modo a enriquecer a intuição e promover a consciência de si. Em vista disso:

A partir dessa correlação, é de se compreender que *poeta para crianças* (tal como poesia para o povo) deva basicamente atuar

sobre os seus *sentidos*. E não querer “falar” ao seu intelecto, ao seu pensamento racional, a fim de lhe transmitir conselhos acerca da Vida ou dos Valores de Moral ou de comportamento humano em geral, como era comum na poesia “infantil” que se divulga a partir dos primeiros anos do século [XX], e que já não se pode aceitar. Da mesma forma, já não se aceita uma poesia que só repita clichês ou não consiga ultrapassar o nível da “ingenuidade” literária (instintivamente repudiada pela criança) (COELHO, 1981, p. 149).

Entre as “origens” e o “hoje”: o panorama histórico

A partir da definição e do entendimento da matéria literária, com o objetivo de “rastrear” a “gênese” e “evolução” dos livros destinados às crianças, Nelly Novaes Coelho encerra *A literatura infantil: história, teoria, análise* com um amplo e detalhado panorama histórico do gênero, que remonta a criação dele desde as origens indoeuropéias até sua “consolidação” no Brasil do século XX.

À semelhança do que propõem outros estudiosos do tema, em especial Leonardo Arroyo em *Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes* (1968), Nelly Novaes Coelho reconhece como a origem remota da literatura infantil a “narrativa primordial”, contida nas fontes orientais da Antiguidade. Dessa origem, ela recobra a história literária europeia, das primeiras manifestações na Idade Média até a Modernidade, de modo a explicar como a literatura “adulta”, cujo “apogeu” se deu no século XVI, foi, gradativamente, se configurando como base e como matéria para a literatura infantil.

Conforme explica Nelly Novaes Coelho, é no processo de formação e consolidação da sociedade burguesa e no desenvolvimento da literatura adulta que a literatura infantil se iniciou. Para ela, isso se dá com a publicação de *As fábulas*, de La Fontaine, *Contos da mamãe gansa*, de Charles Perrault, *Contos de fadas*, de Mme. D'Aulnoy, e *Telêmaco*⁹², de Fenélon, todos publicados na França, na segunda metade do século XVII. A partir da valorização da fantasia e da imaginação, mediante a reconstrução de textos da Antiguidade, ela compreende que esses livros constituem a primeira manifestação preocupada com uma literatura específica para crianças e jovens.

Diante desse marco inicial, no século XVIII, com a criação do romance moderno, Nelly Novaes Coelho destaca os livros *Robinson Crusóé*, de Daniel Defoe, e *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, escritas originalmente para adultos, e que se “transformaram” com o tempo em obras da literatura infantil e juvenil. Após a publicação desses livros, no século seguinte, do Romantismo e do Realismo, “aparece” a preocupação consciente com a literatura para crianças, como resultado de um processo de “evolução” social.

Com isso, o século XIX, marcado pela era de “ouro” do romance, abriu espaço para a “descoberta” da criança, processo esses que se transformou ao longo do século XX.

Dentro desse processo renovador [do século XIX], a criança é descoberta como um ser que precisava de cuidados específicos para sua formação humanística, cívica, espiritual, ética,

⁹² Optei, aqui, por manter os títulos tal como constam em *A literatura infantil: história, teoria, análise* (1981).

intelectual... E os novos conceitos de Vida, Educação e Cultura abrem caminho para o novo e ainda tateantes procedimentos na área pedagógica e literária. Pode-se dizer que é nesse momento que a criança entra como valor no processo social e no contexto humano. Mas sua descoberta não se faz de chofre: começa por ser encarada como um “adulto em miniatura”, cujo período “infantil” deveria ser encurtado o mais possível para que ela pudesse se *completar* ou alcançar o *estado adulto* ideal. A descoberta da *qualidade* específica do *ser criança* ou do *ser adolescente* será feita no século XX (COELHO, 1981, p. 279).

A partir desse entendimento, Nelly Novaes Coelho identifica as primeiras manifestações literárias para crianças no Brasil e destaca a defesa por uma literatura própria e nacional. Até então, segundo ela, circulava entre as crianças brasileiras apenas os livros europeus, de tradução portuguesa.

Para esse processo de nacionalização da literatura infantil concorreu, explica Nelly Novaes Coelho, as questões do ensino escolar, reforçando a relação entre Literatura e Pedagogia. Nesse contexto, destacaram-se entre o final do século XIX e primeiras décadas do século XX alguns livros de leitura destinado ao ensino primário, como “primeiras tentativas de realização de uma literatura para crianças”.

Desses esforços do Brasil do entresséculos e da relação intrínseca entre escola e literatura, na década de 1920 surgiu a figura de Monteiro Lobato, considerado por essa professora como marco da literatura infantil, divisor de águas, que fez “submergir” o passado e abrir espaço para “[...] o novo caminho criador que a Literatura Infantil estava necessitando” (COELHO, 1981, p. 354).

Sobre Monteiro Lobato, Nelly Novaes Coelho explica que:

Não há dúvida de que o grande valor da invenção literária de Lobato e o amplo sucesso obtido junto aos pequenos leitores, não se deveu apenas à sua prodigiosa imaginação ao inventar personagens e tramas cheias de vida. Como em toda grande, o seu mérito maior está na perfeita adequação entre sua matéria literária, as ideias e valores que lhes servem de húmus e as imposições da época em que ela foi escrita (COELHO, 1981, p. 365).

Devido a essas características da obra de Lobato, essa professora considera que ela “inventou” a literatura infantil brasileira propriamente dita, de tal forma que entre as décadas de 1930 e 1940 esse escritor figurou praticamente sozinho na representação do “novo” da produção nacional. Somente em décadas subsequentes é que surgiram outros escritores de mesma competência.

Para concluir o seu ousado panorama histórico, Nelly Novaes Coelho apresenta alguns aspectos concernentes aos escritores e às obras literárias publicadas no Brasil entre as décadas de 1950 e 1970, com o que conclui:

Portanto a grande *tarefa* enfrentada pela Educação e pela Literatura em nossos dias é a de *suprir as lacunas* do Sistema em transformação; *dinamizar o pensamento e a consciência* do educando, para despertar o *seu interesse profundo* pela vida, pelos seres e coisas com que convive. Um interesse que, por sua vez, estimule sua *capacidade de expressão* para se comunicar com os outros e impulse a *necessidade de ação* que existe potencialmente em cada indivíduo (COELHO, 1981, p. 397).

**Na fronteira entre literatura e pedagogia:
o lugar de *A literatura infantil: história, teoria, análise* (1981)**

Fruto de laborioso e ousado projeto que Nelly Novaes Coelho iniciou em 1975 com o objetivo de problematizar a história, a teoria e os problemas envolvidos com a produção literária para crianças e jovens, *A literatura infantil: história, teoria, análise* (1981) situa-se na fronteira entre o que se pode denominar do “novo” e do “tradicional” no discurso sobre esse gênero.

Entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, sob o formato de prefácios, prólogos e artigos em jornais, começaram a ser produzidas no Brasil as primeiras manifestações discursivas sobre a literatura infantil (MAGNANI, 1998). Sem a intencionalidade de tratar especificamente desse gênero literário, alguns desses textos exaltavam as qualidades literárias de determinadas obras (o caso dos prefácios e prólogos), enquanto outros denunciavam os riscos que os livros dissonantes dos valores de época podiam representar para a formação do espírito infantil (OLIVEIRA, 2015).

Dessas iniciativas não sistematizadas e sem bases conceituais claras ou definidas, a partir da década de 1920, o debate sobre a literatura infantil começou a ganhar corpo, com textos que buscavam elencar, dentre outros, os requisitos indispensáveis a uma obra literária infantil e o seu papel na formação escolar dos pequenos, de modo a considerar esses livros questão de interesse maior para pais e professores. Nesse processo, o artigo “Como aperfeiçoar a literatura infantil”, de Manoel Bergström Lourenço Filho, publicado em 1943, representou a função de uma tradição no campo dos estudos sobre literatura infantil (BERTOLETTI, 2006),

pois nele se encontra a base da primeira sistematização dos dispersos saberes que vinham sendo divulgados e disseminados a respeito do assunto. Mediante a defesa de que o “Belo”, como valor estético, devia estar à serviço do “Bem”, como valor educativo, formativo e moral, Lourenço Filho defende nesse artigo que o texto literário devia ajustar-se aos processos evolutivos da criança, para recreá-la e instruí-la (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 160)

Mediante essa concepção de literatura infantil de Lourenço Filho, nas décadas seguintes, com o gradativo aumento da produção de livros para crianças no país, cresceu o interesse e a preocupação de professores e intelectuais com relação a esse gênero literário, ocasionando uma série de ações para “controle” desses livros, dentre elas, a criação de uma disciplina nos Cursos Normais do estado de São Paulo (OLIVEIRA, 2015).

Com a criação dessa disciplina e a decorrente produção de manuais pedagógicos destinados a “ensinar a ensinar” literatura infantil na formação dos professores primários, desenvolveu-se um “saber escolar” sobre esse gênero literário que, na ausência de teorias específicas, passou a ser utilizado como saber de referência no campo entre as décadas de 1960 e 1970 (OLIVEIRA, 2015).

Esse “saber escolar” convertido em saber de referência, em linhas gerais, compreendia a defesa da dupla natureza e funcionalidade da literatura infantil – recrear e formar –, com vistas ao desenvolvimento moral, psíquico e social da criança. Para isso, as obras literárias precisavam ser pensadas pela lógica das etapas da evolução infantil, preservando linguagem simples, objetiva, correta e com representação de modelos de bom comportamento (OLIVEIRA, 2015).

Esse modo de compreender e definir a literatura infantil, que se desenvolveu e ganhou solidez entre as décadas de 1950 e 1960, passou a ser contestado a partir do final da década de 1970, sob a alegação de se tratar de visão “pedagógica” e “utilitária”, portanto, inconsistente e incompatível com as reais funções da literatura.

Centrado, em linhas gerais, na compreensão da literatura infantil com base no conceito de “literariedade”, essa crítica do final dos anos 1970 constituiu um movimento renovador dos discursos sobre a literatura infantil (diretamente relacionado à renovação da produção literária destinada às crianças), que se formou e se disseminou a partir do meio acadêmico, com a criação e expansão dos primeiros cursos de mestrado e doutorado em Educação e Letras no Brasil.

A partir desse modo acadêmico-científico de produção de conhecimento, as antigas bases para o estudo e entendimento da literatura infantil – Psicologia e a Educação – passaram a ser questionadas, especialmente em face de uma visão centrada no estético literário mediante referenciais advindos da Crítica e da Teoria Literária. Nesse intento, formou-se o que se pode denominar de uma geração de pesquisadores que, em maior ou menor escala, ligados ao movimento de reabertura política do país e à compreensão crítica das relações dialéticas e contraditórias entre escola, sociedade e literatura, contribuíram para a fundação de um “novo” discurso sobre a literatura infantil.

Esse novo discurso caracterizou-se:

[...] pela tentativa de pensar os livros *de* literatura infantil como obra literária, com os mesmos padrões estéticos e éticos, portanto, atribuídos como válidos para a literatura “adulta”. E,

como obra literária, os livros *de* literatura infantil não devem servir para os fins pragmáticos e “utilitários” da escola, como se compreendia até então (OLIVEIRA, 2015, p. 14).

E Nelly Novaes Coelho nesse contexto? O que se verifica a partir da análise de *A literatura infantil: história, teoria, análise* é que, apesar de essa professora e pesquisadora ter tido toda sua formação e atuação marcada pelo meio acadêmico e figurar como uma das primeiras professoras universitárias a se dedicar à literatura infantil, a visão defendida nesse livro dialoga de modo mais profundo com a tradição que se fundou e se consolidou na primeira metade do século XX e que passou a ser contestada em fins da década de 1970. Nesse sentido, *A literatura infantil: história, teoria*, é indicativo em um tipo de trabalho exaustivo que Nelly Novaes Coelho teve de reunir o conhecimento até então acumulado sobre o assunto, com propósito de possibilitar aos pais, professores e escritores “descobrir verdadeiramente a literatura infantil” (COELHO 1981, p. XVIII).

Ainda que *A literatura infantil: história, teoria* incorpore uma série de elementos “novos” para o campo de estudos da literatura infantil, como os advindos da Teoria da Comunicação e dos estudos de base Estruturalista sobre a narrativa, a matriz de seu pensamento manteve-se na defesa da relação intrínseca entre Literatura e Pedagogia, em sentido similar ao da tradição fundada por Lourenço Filho e consolidada no âmbito das proposições sobre “ensinar a ensinar” literatura na formação de professores.

Essa “permanência” do entendimento da literatura infantil como objetivo de “recreação” e de “instrução” possivelmente decorre do fato de que Nelly Novaes Coelho, embora já figura expressiva no meio acadêmico da época, aproximou-se da literatura

infantil pela via do ensino e da formação de professores normalistas, “tomando partido” do assunto por meio de figuras exponenciais na produção do “saber escolar” sobre esse gênero literário, como as integrantes do Celiju, em especial, Bárbara Vasconcelos de Carvalho e Lenyra Fraccaroli⁹³.

É importante destacar, contudo, que Nelly Novaes Coelho, quando da publicação de *A literatura infantil: história, teoria, análise* não estava alheia à “nova” conceituação de literatura para crianças que despontava no meio acadêmico. Na explicação inicial de seu livro, ela afirma que eram normais as discordâncias em relação ao que se podia considerar aceitável ou repudiável no âmbito desse gênero literário, porém considerava que os posicionamentos centrados na defesa apenas da função lúdica e recreativa dos livros infantis eram pouco produtivas e poderiam prejudicar a formação dos leitores. Assim, em referência indireta ao novo discurso que se vinha formando no meio acadêmico, ela assevera:

Na verdade, é urgente que a literatura seja descoberta como fenômeno literário, que é, com seus bons ou grandes (ou maus...) autores. E ao mesmo tempo, concordamos com Soriano, quando diz que esse problema literário, hoje, “ultrapassa o ponto de vista estético” – o que não quer dizer que o valor estético (isto é, o propriamente literário) fique em plano secundário. Longe disso, ele está na própria raiz do problema em causa (COELHO, 1981, p. XVIII).

⁹³ Sobre a atuação e o lugar ocupado por Bárbara Vasconcelos de Carvalho e sobre Lenyra Fraccaroli, ver, respectivamente, Oliveira (2013) e Pasquim (2017).

Em face dos aspectos aqui apresentados, considero que *A literatura infantil: história, teoria, análise* (1981) situa-se na fronteira do movimento de renovação do discurso brasileiro sobre a literatura infantil. Como trabalho de fôlego, que buscou dar conta de “toda a matéria” envolvendo esse gênero, o seu lugar é o de um tipo de tratado do conhecimento até então disponível sobre o assunto, com sutis incorporações de alguns dos novos referências que advinham do campo da linguagem. Independentemente disso e da concordância ou discordância que se possa ter com relação a esse livro e à concepção de literatura infantil nele materializada, fato é que ele permanece como referência indispensável aos que se enveredam pelos complexos caminhos do estudo desse gênero literário. Isso se comprova pelas diferentes edições e reimpressões produzidas ao longo de quase quatro décadas de sua publicação e pelas mais de 2.000 citações a ele identificadas em trabalhos acadêmicos disponíveis em bases de dados online⁹⁴.

Referências

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. *A produção de Lourenço Filho sobre e de literatura infantil e juvenil (1942-1968): fundação de uma tradição*. 2006. 275f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília. 2006.

CASTRO, Rosane Michelli de. *O papel estratégico dos periódicos departamentais na organização das atividades acadêmico-científicas: o*

⁹⁴ Esse número tem como base as citações indicadas com relação a esse livro Google Acadêmico e na base Scielo.

caso das revistas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília. 2013. Tese (doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciência, Marília, 2013.

CELIJU. Orientador Bibliotecário. *Guia de leitura para pais e mestres*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1981.

COELHO, Nelly Novaes. “Entrevista”. Transcrição de entrevista, São Paulo, 2012.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: história, teoria, análise (das origens orientais ao Brasil de hoje)*. São Paulo: Quíron; Brasília: INL/MEC, 1981.

COELHO, Nelly Novaes. *O ensino da literatura*. São Paulo: Quíron, 1966.

FUNDAÇÃO Nacional do Livro Infantil e Juvenil. *Notícia*. n. 03, mar./2018.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. Como aperfeiçoar a literatura infantil. *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro, v. 3, n. 7, p. 146-169, 1943.

MAGNANI, Maria do Rosario Mortatti. Entre a literatura e o ensino: um balanço das tematizações brasileiras (e assisenses) sobre literatura infantil e juvenil. *Miscelânea*. v. 3, p. 247-257, 1998.

OLIVEIRA, Fernando Rodrigues de. *Bárbara Vasconcelos de Carvalho e o ensino da literatura infantil no Brasil*. São Paulo: Ed. UNESP, 2013.

OLIVEIRA, Fernando Rodrigues de. Ética, estética e psicopedagogia no ensino da literatura infantil: a circulação do pensamento do uruguaio Jesualdo Sosa no Brasil do século XX. *Historia de la Educación. Anuario SAHE*. n. 15, vol. 1, p. 29-44, 2014a.

OLIVEIRA, Fernando Rodrigues de. Nelly Novaes Coelho na História do ensino da literatura infantil no Brasil. *In*: CERECEDO, Alicia Civera; FERNÁNDEZ, Carlos Escalante; ROCKWELL, Elsie. (Org.). *Sujeitos, poder y disputas por la educación: textos de historiografía de la educación latinoamericana*. Zinacantepec: El Colegio Mexiquense; Universidad Pedagógica Nacional, 2014b, p. 3413-3423.

OLIVEIRA, Fernando Rodrigues de. *História do ensino da literatura infantil na formação de professores no estado de São Paulo (1947-2003)*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

PASQUIM, Franciele Ruiz. *Lenyra Camargo Fraccaroli (1908-1991) na história da literatura infantil brasileira: contribuições de uma bibliotecária educadora*. 237f. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2017.

